

Gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Norte de Portugal), no contexto da Pré-história Recente da bacia do Leça

The rock carvings of Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northern Portugal) in the context of Late Prehistory in the Leça basin

ANA M. S. BETTENCOURT^a, LARA B. ALVES^b,
ANDRÉ T. RIBEIRO^c E RUI T. MENEZES^d

a) Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais, Campus de Gualtar, Universidade do Minho, 4710 - 059 Braga, Portugal. Investigadora do Centro de Investigação Cultural, Espaço e Memória – CITCEM. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt.
b) Investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto – CEAP. E-mail: larabacelar@sapo.pt.
c) Departamento de Cultura, Turismo e Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal da Maia.

Recibido en Outubro de 2011

Aceptado en Abril 2012

RESUMO

Este texto pretende dar a conhecer o conjunto de gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura. A análise efetuada ao conjunto de signos permitiu denotar, a presença de composições gráficas pertencentes à tradição artística que se convencionou denominar de arte atlântica, representações de cariz mais esquemático e motivos de época histórica. Na envolvimento dos afloramentos gravados descobriram-se monumentos megalíticos, áreas de dispersão de materiais cerâmicos datáveis do Calcolítico, uma ocupação da Idade do Bronze, além de materiais dispersos deste período genérico, relevantes para a análise da biografia deste lugar numa pequena escala de análise. A inserção deste locus numa escala mais ampla de análise, ou seja, os Montes do Leandro, pequeno contraforte da serra do Bougado, permite admitir que este complexo de gravuras rupestres faria parte de um vasto território de ampla significação simbólica durante a Pré-história Recente. Neste sentido as diferentes materialidades seriam, resultado de um processo aditivo que resulta da frequência do planalto, da sua da reutilização e reinterpretação, num templo cíclico.

Palavras-chave

Noroeste de Portugal, Gravuras rupestres, Bouça da Cova da Moura, Neolítico-Idade do Bronze; Biografia de um lugar.

ABSTRACT

The aim of this paper is to offer an overview of the rock art assemblage at Bouça da Cova da Moura in its local and regional contexts. The site is located in Ardegães, parish of Águas Santas, municipality of Maia, district of Porto, in north-western Portugal. Fieldwork carried out in the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, resulted in the discovery of new carved surfaces in the place where the well-known 'pedra partida de Ardegães' had been found; it was not only possible to unveil aspects related to its topographical context but also to discover other materialities which are spatially related to the rock carvings.

Stylistic analysis undertaken to the set of carvings allow us to consider that we are beyond an assemblage which is partly constituted of rock art compositions belonging to the prehistoric art tradition conventionally called atlantic art, there is one schematic human figure and other motifs that belong to historical periods.

In the vicinities of the carved outcrops there are megalithic monuments dated to the Neolithic, scatters of pottery fragments probably dated to the Copper Age, evidence for a Bronze Age occupation site, as well as clusters of surface finds from the same period. Overall, the field data recovered so far is extremely relevant for the analysis of the biography of this place at a small scale of analysis. The integration of this locus in a wider spatial scale, i.e. in the plateau that cuts across the territory in the north-south direction linking it to the Bouga-

do hills, allow us to admit that this rock art complex would be part of a vast territory of symbolic significance in Late Prehistory. Thus, the distinct archaeological remains may be the materialisation of the importance of this geomorphological unit in the cognitive map and ideological universe of the prehistoric communities who dwelled, over a long period of time, along the middle basin of the River Neiva. These different materialities would result from a process of addition in the occupation of the plateau, of its reuse and reinterpretation in a cyclical time.

Keywords

North-west Portugal, Rock carvings, Bouça da Cova da Moura, Neolithic-Bronze Age; Biography of a place.

INTRODUÇÃO, LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO FÍSICO E ARQUEOLÓGICO

Este texto tem como objectivo divulgar o conjunto de gravuras rupestres encontrado na Bouça da Cova da Moura no seu contexto local e regional. Trata-se de uma estação arqueológica pertencente ao lugar de Ardegães, freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, distrito do Porto, no Noroeste de Portugal.

A Bouça da Cova da Moura localiza-se numa plataforma média da vertente sudeste dos Montes do Leandro, um contraforte da serra do Bougado existente na margem direita do curso médio da bacia do Leça, num local de confluência das ribeiras de Silva Escura e da do Leandro que o delimitam a oeste e este, respectivamente (Figura 1).

Apesar deste topónimo se estender por uma superfície de vários hectares e com altitudes entre os 106 m e os 120 m, as gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura concentram-se num outeiro pouco destacado pelos seus lados norte, noroeste e oeste, com c. de 116 m de altitude máxima, localizado na extremidade nascente da plataforma (setor 3)¹. Trata-se de um local com ampla visibilidade para os vales do Leandro e do Leça, ou seja, para nascente e sul, assim como para toda a Bouça da Cova da Moura. Para norte e oeste, o domínio visual é mais fechado, avistando-se o topo dos Montes

¹ No âmbito da *Carta Arqueológica do Concelho da Maia* a área correspondente à Bouça da Cova da Moura foi subdividida em setores para facilitar a inventariação dos achados.

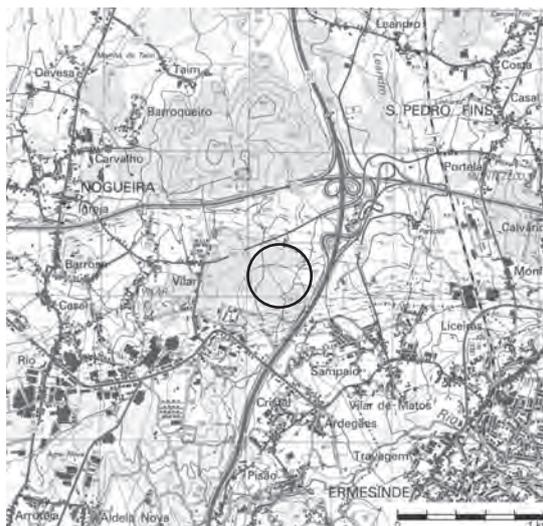


Fig. 1. A área inscrita no círculo localiza a Bouça da Cova da Moura na Carta Militar de Portugal nº 110, esc. 1: 25 000.



Fig. 2. Bouça da Cova da Moura e setores correspondentes à distribuição das materialidades arqueológicas aí encontradas.

do Leandro e a linha de cumeada da sua aba sul, respectivamente.

O substrato geológico predominante é o granito de grão médio ou grosseiro embora afluam granitos de grão fino, vulgarmente designados de apêlitos. Para norte, oeste e este desta área, o substrato geológico é dominado por xisto e grauvaques compostos, essencialmente, por migmatitos, gneisses e micaxistos, um tipo de formação ideal para a ocorrência de veios de estanho.

O contexto arqueológico é muito diversificado. Nas imediações das gravuras existiu uma ne-



Fig. 3. Pedra Partida de Ardegães / rocha 1 e rocha 2 da Bouça da Cova da Moura durante a visita de Mendes Corrêa, na fotografia, em conjunto com o filho de Santos Júnior (Foto do antigo Museu do Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”).

crópole megalítica da qual ainda se conservam as Mamoas 1 e 2 da Bouça da Cova da Moura (setor 1), assim como diversas estruturas em materiais perecíveis da Idade do Bronze (setor 2) e, provavelmente, do Calcolítico (setor 6) (Bettencourt, 2010; Ribeiro *et al.*, 2010; Comendador e Bettencourt, 2011) (Figura 2). Na linha de cumeeada que lhe fica a oeste localizava-se outra necrópole megalítica, a do Godêlo, ainda com duas mamoas preservadas. Para Norte, nos Montes do Leandro, existiram, igualmente, diversas evidências de ocupações desde o Neolítico à Idade do Bronze (Ribeiro e Menezes, 2007; Bettencourt, 2010). Na margem esquerda da ribeira do Leandro localizava-se o túmulo megalítico de Montezelo (Almeida e Fernandes, no prelo; Bettencourt, 2010).

GRAVURAS RUPESTRES DA BOUÇA DA COVA DA MOURA

O lugar de Ardegães, onde se localiza o micro-topónimo da Bouça da Cova da Moura, já era conhecido na literatura arqueológica desde a primeira metade do séc. XX, a propósito da existência de dois monumentos megalíticos citados por A. M. Corrêa (1935). Nos anos 40, volta a ser referenciado, desta vez a propósito do achado da “Pedra Partida de Ardegães” (Santos Júnior, 1940) (Figuras 3 e 4). Apesar deste achado ter merecido alguma atenção por parte da comunidade científica (Anati, 1968; Twohig, 1981; Baptista 1986, Silva e Alves 2005), só em 1999 se identifica o local exacto da sua proveniência e se descobrem novas gra-

vuras na área, no âmbito de visitas de reconhecimento efectuadas por P. Novoa e J. Sanroman que divulgaram os achados no *International Congress of European Rock Art*, ocorrido em Vigo, em Novembro de 1999². Foi, no entanto, na sequência de prospecções arqueológicas efectuadas no local, a partir de 2003 e 2004, no contexto da *Carta Arqueológica do Concelho da Maia*, que dois subscritores deste trabalho (ATR e RTM) descobriram e inventariaram, de forma sistemática, o conjunto de gravuras que aqui se apresentam, assim como um conjunto significativo de materialidades existentes nas suas imediações, algumas delas perceptíveis apenas na sequência de uma lavra para plantio de eucaliptos (Ribeiro e Menezes, 2007; Bettencourt, 2010; Ribeiro *et al.*, 2010). Dado o teor e a complexidade dos achados A. M. S. Bettencourt e L. B. Alves foram convidadas para se associarem ao estudo deste local, no âmbito das suas respectivas especialidades.

Apesar dos trabalhos de extração de pedra e de florestação que se verificaram nesta área do outeiro, certamente responsáveis pela desaparecimento, fratura e deslocamento de algumas rochas gravadas é de destacar, ainda, o grande número de gravuras rupestres que foi possível descrever numa área relativamente restrita, nomeadamente na parte mais elevada do outeiro e no início das suas vertentes oeste, noroeste e este.

² Agradecemos aos autores a cedência deste texto inédito.

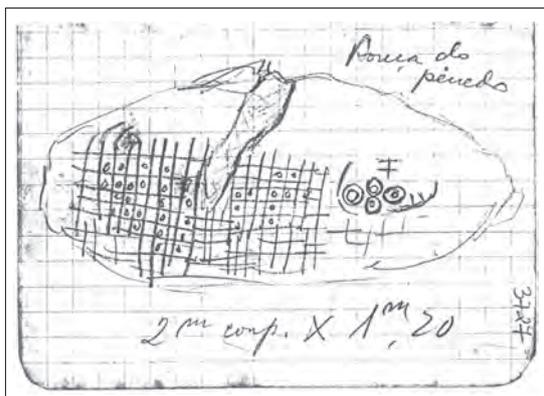


Fig. 4. Esquema da Pedra Partida de Ardegães / rocha 1 realizado por J. Santos Júnior (Documentos do Antigo Museu do Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”).

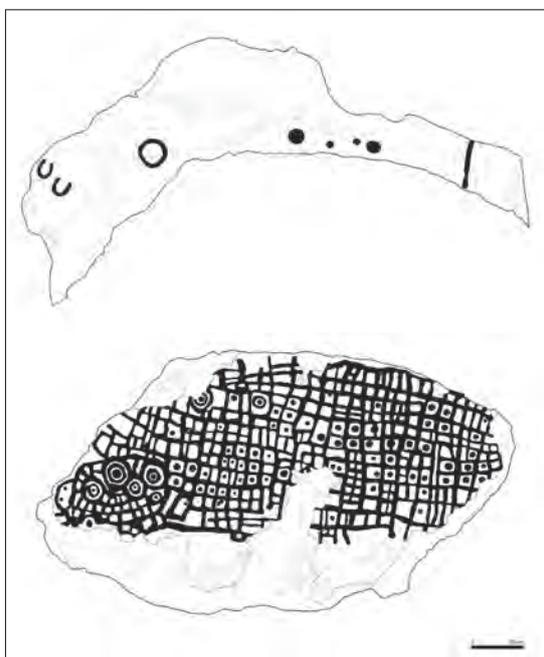


Fig. 5. Levantamento da rocha 1 realizado pelo CNART (seg. Silva e Alves 2005 e Bettencourt 2010).



Fig. 6. Fotografia da Pedra Partida de Ardegães / rocha 1 (seg. Bettencourt 2010).

Contabilizámos, até à data, 11 rochas com gravuras rupestres. As melhores preservadas encontravam-se sobre afloramentos ou blocos graníticos de algumas toneladas. As restantes, dispersavam-se por pequenos blocos, normalmente inseridos em muros de divisória de propriedades.

A rocha que designámos por 1, corresponde à “Pedra Partida de Ardegães”. Foi descoberta na “Bouça do Penedo” (Santos Júnior, 1940; 1963), mais precisamente na vertente noroeste do outeiro (Novoa e Sanroman Veiga, 1999) que hoje se insere na área conhecida por Bouça da Cova da Moura. As coordenadas geográficas aproximadas do local de achado são: Latitude: 41° 14' 00,46” N e Longitude: 8° 34' 07,50” W de Greenwich.

Foi publicada detalhadamente em 1981, por E. S. Twohig, encontrando-se na altura depositada no átrio da antiga Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, atual Reitoria desta universidade, em posição invertida em relação à sua posição original no terreno, facto que esta investigadora se apercebeu. Em 1999 a pedra transita para o Fórum da Maia e em 2001 para o Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, Castelo da Maia, freguesia de Santa Maria de Avioso, onde se encontra sobre empréstimo. Foi neste âmbito que a edilidade solicitou ao então Centro Nacional de Arte Rupestre – CNART, novo decalque das gravuras (Fig. 5). Este incidiu sobre a superfície já conhecida e sobre a superior onde E. S. Twohig havia detetado alguns motivos, difíceis de registar dada a posição em que a pedra estava colocada na época. O levantamento de 2001 permitiu identificar na face superior, agora plenamente acessível, um novo motivo em ferradura e três covinhas. No que concerne à composição central, embora tendo-se obtido resultados genericamente similares, o decalque mais recente, realizado com luz rasante artificial, permitiu colmatar algumas lacunas aparentes no primeiro registo.

Esta rocha com uma superfície aplanada, que se disporia originalmente em posição sub-vertical, ostenta um reticulado complexo, formado por pequenos quadrados alguns dos quais com covinha no seu interior, que invade a totalidade do espaço operatório. No interior deste reticulado assinala-se a presença de duas



Fig. 7. Pormenor da rocha 2 em 1999 (Fot. de Pablo Novoa).



Fig. 8. Rocha 3 no local onde foi encontrada.



Fig. 9. Fotografia da superfície superior da rocha 3 (seg. Bettencourt 2010).

combinações de círculos concêntricos, estando uma delas, localizada em zona periférica e emoldurada por uma linha oval que assim a separa da grande retícula. No topo encontram-se algumas covinhas, um sulco, um pequeno círculo e dois motivos em ferradura (Figuras 5 e 6).

A rocha 2 situava-se a poucos metros da rocha 1, segundo se depreende de uma fotografia existente no arquivo do então Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, no Porto. Correspondia a um afloramento de dimensões consideráveis, sobrelevado e disposto no sentido este-oeste. Continha, pelo menos, três círculos divididos por linhas radiais, covinhas e um antropomorfo esquemático numa das suas extremidades. Foi ainda observada e fotografada por P. Novoa e J. Sanroman Veiga, em 1999 (Figuras 3 e 7). Colocamos a hipótese de ter sido destruída.

A rocha 3, inserida num muro da base da vertente norte³ do outeiro corresponde a um bloco granítico de algumas toneladas, pelo que não deveria estar longe da sua posição original (Figura 8). As coordenadas geográficas do local de achado são: Latitude: 41° 14' 01,99" N e Longitude: 8° 34' 07,96" W de Greenwich.

Contém três painéis decorados, um na superfície mais elevada da pedra, com ligeira inclinação para oeste, e os outros num dos seus lados verticalizados. O do topo caracteriza-se por ser gravado com uma composição similar à da rocha 1, a uma escala menor. Exibe uma grelha, invasora da quase totalidade do espaço operatório, composta por quadrados e retângulos, alguns deles com pequenas covinhas ou pontos no seu interior e um motivo espiralado numa das extremidades (Ribeiro *et al.*, 2010). A forma triangular adjacente ao reticulado parece evocar a imagem de uma representação de lâmina de alabarda, atendendo à morfologia das figurações galegas e portuguesas, possivelmente efectuada em fase posterior ao reticulado (Bettencourt, 2010) (Figuras 9 e 10). Um dos painéis laterais apresenta duas covinhas, uma delas com sulco, e o outro, um grande motivo rudemente gravado, de forma retangular, segmentado por linhas diagonais

³ De referir que esta vertente é muito curta, pelo que a sua base fica ao nível do que consideramos o início da vertente este, por exemplo.

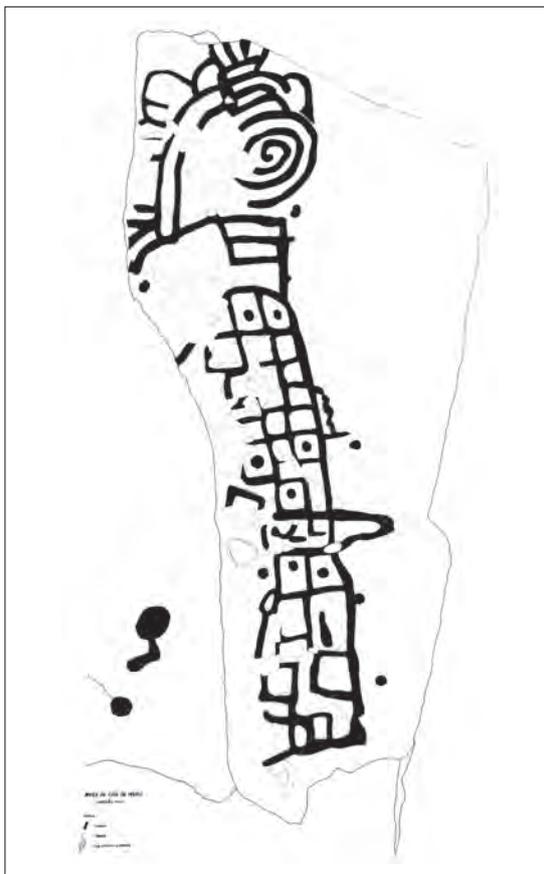


Fig. 10. Levantamento da rocha 3 realizado pelo Departamento de Cultura, Turismo e Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal da Maia com a colaboração de Lara Bacelar Alves (seg. Bettencourt 2010).

e perpendiculares que se cruzam numa covinha central (Figura 11). Foi retirada do local em 2005, como medida de precaução dado os atentados que muitas destas rochas têm sofrido. Encontra-se depositada no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia.

A rocha 4, localizada a uma cota superior às restantes, a este-nordeste do topo do outeiro, corresponde a um afloramento pouco destacado do solo e de tendência aplanada, embora rodeado por blocos partidos. As coordenadas geográficas do local são: Latitude: 41° 14' 00,57" N e Longitude: 8° 34' 05,55" W de Greenwich.

Na superfície superior foi gravado um grande número de motivos num processo que se crê de adição. Destacamos uma estratigrafia figurativa complexa que inclui círculos e figuras quadrangulares e retangulares, normalmente consideradas como representações de tabuleiros do jogo designado por “do moinho” ou de



Fig. 11. Fotografia de um dos painéis laterais da rocha 3 com motivo histórico (Fot. de António Chaves).



Fig. 12. Rocha 4, em 1999, antes da destruição a que foi sujeita. Em primeiro plano vêem-se motivos circulares pré-históricos e, em segundo plano, figuras quadrangulares e retangulares, normalmente consideradas mais recentes (Fot. de Pablo Novoa).

“alquerque” e gravuras em forma de cruz latina e de cruz grega com pontos nas extremidades. Um círculo com covinha central e linhas radiais, um quadrado de cantos arredondados internamente dividido e uma gravura de ‘tabuleiro de jogo’ foram sobrepostos por diferentes motivos cruciformes com menor grau de erosão (Figuras 12, 13 e 14). Recentemente foi barbaramente vandalizada.

A rocha 5 corresponde a um bloco inserido num muro de divisória de propriedade, a poucos metros para este da anterior. Contém uma figura escutiforme dividida internamente (Figura 15). As coordenadas geográficas do local de achado são: Latitude: 41° 14' 00,55" N e Longitude: 8° 34' 05,22" W de Greenwich.

A rocha 6 corresponde a um afloramento no início da vertente este do outeiro que exhibe duas cruces inseridas num painel quadrangular, hoje severamente danificada por vanda-



Fig. 13. Rocha 4, em 1999, antes da destruição a que foi sujeita (Fot. de Pablo Novoa). A destacar os processos de sobreposição e de adição de diferentes motivos.



Fig. 15 – Rocha 5 com escutiforme dividido internamente.

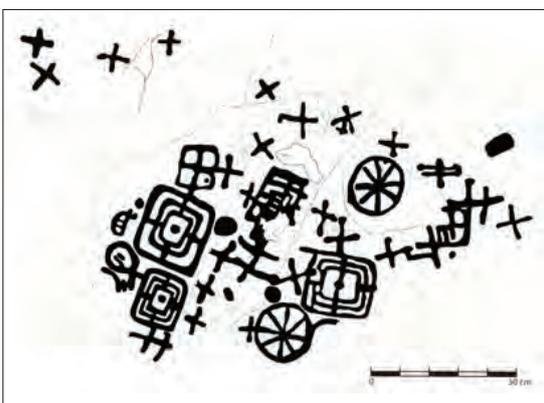


Fig. 14. Levantamento do painel principal da rocha 4 realizado pelo Departamento de Cultura, Turismo e Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal da Maia, antes da sua destruição.



Fig. 16 – Rocha 7 com motivo quadrangular bastante degradado.

lismo. As coordenadas geográficas do afloramento são: Latitude: 41° 14' 00,92" N e Longitude: 8° 34' 04,3" W de Greenwich.

A rocha 7, no meio da pouco expressiva vertente norte, corresponde a um afloramento que se localizava a c. de 15 m para norte da rocha 1. Aí eram visíveis covinhas, uma figura retangular e duas depressões alongadas, cujo polimento e morfologia indiciam terem sido produzidas pela fricção de machados de pedra, segundo opinião de A. M. Baptista, considerando o paralelo existente para a Bouça do Colado. Foi intencionalmente danificada pela deposição de um composto à base de calcite (Figura 16). As coordenadas geográficas do afloramento são: Latitude: 41° 14' 01,06" N e Longitude: 8° 34' 07,75" W de Greenwich.

A rocha 8 corresponde a um bloco granítico situado na vertente noroeste do outeiro, entre

outros que parecem ter resultado da destruição de um afloramento gravado. Aí, numa das superfícies parcialmente escondida, encontramos um círculo internamente dividido por linhas radiais, com covinha central, e duas figuras de idêntica tipologia cujos sulcos apresentam maior erosão (Figura 17). Estas mostram grandes semelhanças com os motivos circulares gravados nas rochas 2 e 4. Será este um fragmento pertencente à rocha 2 aparentemente destruída? As coordenadas geográficas do local de achado são: Latitude: 41° 14' 02,2" N e Longitude: 8° 34' 07,37" W de Greenwich.

A rocha 9, localizada entre a 4 e a 8, corresponde também a um bloco, de pequenas dimensões, inserido num muro de divisória de propriedade. Tal como o anterior apresenta uma composição circular similar ao da rocha 8, difícil de visualizar dada a sua disposição



Fig. 17. Rocha 8 com um círculo internamente dividido por linhas radiais com covinha central, no canto inferior esquerdo, e duas figuras de idêntica tipologia cujos sulcos apresentam maior erosão.



Fig. 18. Pormenor da rocha 9 em 1999 (Fot. de Pablo Novoa).

no referido muro. Equivalerá igualmente à fragmentação da rocha 2? As coordenadas geográficas do local de achado são: Latitude: 41° 14' 00,13" N e Longitude: 8° 34' 06,24" W de Greenwich.

A rocha 10 corresponde a um outro bloco gravado com um círculo internamente dividido por linhas radiais, fotografada pela equipa de investigadores galegos em 1999 e ainda não identificada (Figura 18).

A rocha 11, localizada na plataforma a oeste-sudoeste do outeiro, entre as Mamoas 1 e 2 da Bouça da Cova da Moura, apresentava um motivo circular com covinha central gravado na superfície convexa do que parece ser um afloramento pouco alteado, tendo em conta a fotografia observada (Figura 19). É uma das rochas referida por P. Novoa e J. Sanroman Veiga (1999) que ainda não foi possível localizar no terreno.

De uma forma geral este conjunto de gravuras, que se localiza numa área relativamente semi-circular sensivelmente à volta da gravura 4, tendo em conta as rochas *in situ*, apresenta motivos individuais e composições gráficas inseríveis na tradição de Arte Atlântica do Noroeste peninsular (rochas 1, 2, 3, 4, 8, 9 e 10). Registou-se também a presença de um antropomorfo esquemático e de gravuras históricas, como os designados “tabuleiros de jogo” que ocorrem frequentemente em áreas de grande amplitude visual desde a época romana até cronologias posteriores, cruzes latinas, gregas e pometeadas, entre outros cruciformes pouco erodidos que poderão ser marcas de propriedade.

GRAVURAS RUPESTRES DA BOUÇA DA COVA DA MOURA NO SEU CONTEXTO LOCAL E REGIONAL

Na área onde se concentram a maioria das gravuras, ou seja, no topo do outeiro e nas vertentes norte, noroeste e oeste, apareceram à superfície alguns fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pasta arenosa e cozeduras redutoras, cronologicamente inseríveis na Idade do Bronze, assim como um fragmento de seixo rolado de quartzito, oriundo certamente das áreas ribeirinhas. Entre as cerâmicas destacamos uma base de fundo plano simples e um bordo vertical de um potinho ou pote, com lábio serrilhado e decoração incisa com motivos espinhados sobre o colo. Tal indicia que, pelo menos durante este período, se verificaram determinadas ações nas imediações das gravuras que implicaram a manipulação de recipientes cerâmicas.

A poucas dezenas de metros das gravuras, para oeste-sudoeste e sudoeste, assim como nas imediações da rocha 11 (setor 1), a 41° 13' 58,26"/ 41° 13' 55,82" de Latitude N e 8° 34' 09,66"/ 8° 34' 12,55" de Longitude W de



Fig. 19. Pormenor da rocha 10 em 1999 (Fot. de Pablo Novoa).



Fig. 20. Mamoia 1 da Bouça da Cova da Moura, em segundo plano, e vestígios da destruição de outro monumento megalítico, em primeiro plano.



Fig. 21. Machado de anfíbolito, não usado, encontrado na área de destruição do monumento megalítico (Mede de altura: 13,1 cm).

Greenwich, ergue-se a necrópole megalítica da Bouça da Cova da Moura, onde ainda se preservam dois monumentos bem perceptíveis de um possível núcleo de três. Este último, localizado a cerca de 100 m para norte do nº 1, teria sido destruído em 2004, no momento da referida lavra, tendo em conta a existência de uma mancha relativamente concentrada de fragmentos de esteios, de calhaus e blocos graníticos e de restos de moinhos de uma possível couraça lítica (Figura 20). Nesta área também foram encontrados fragmentos de recipientes cerâmicos pré-históricos e um machado de anfíbolito não utilizado, o que indicia a sua deposição em contexto cerrado (Figura 21). A corroborar a hipótese da existência de um túmulo neste local há, ainda, a descrição do Sr. Manuel Espinheiro que diz ter ali existido uma pequena elevação, do género da que ele próprio destruiu a c. de 1600 m a sudeste deste local⁴.

⁴ Este senhor, morador em Ardegães, terá destruído nos anos 80 do séc. XX, numa das suas propriedades, um monumento megalítico. Pela descrição que fez este seria de grandes dimensões pois diz ter removido grande quantidade de pedra em vários carros de bois.

Ainda para oeste-sudoeste, a cerca de 100 m das gravuras (setor 2), a 41° 13' 59,96" de Latitude N e 8° 34' 12,66" de Longitude W de Greenwich, a dispersão de materiais de superfície indicava uma ocupação da Idade do Bronze, confirmada através de uma sondagem arqueológica realizada em 2004. As escavações revelaram buracos de poste delimitados por pedras e restos de um pavimento argiloso. Estas estruturas associavam-se a fragmentos cerâmicos lisos ou com decoração maioritariamente plástica, em forma de cordões, pastilhas e mamilos, pertencentes a formas abertas e fechadas, de média e pequena dimensões, e a bases de fundo plano simples. Entre estes identificaram-se potes das formas 1, 2, 7 e 20, potinhos (forma 10), um vaso de médio bordo horizontal (forma 13b), um vaso tendencialmente troncocónico (forma 14), um subcilíndrico (forma 11) e uma malga (forma 22), segundo a tabela de formas de A. M. S. Bettencourt (1999, 2000) (Figura 22.1 a 22.7). Em xisto ardósífero afeiçoado, para atingir a forma apresentada, registou-se um artefacto com um orifício que corresponde ao local de onde foi extraído um fóssil de ortóceras (con-

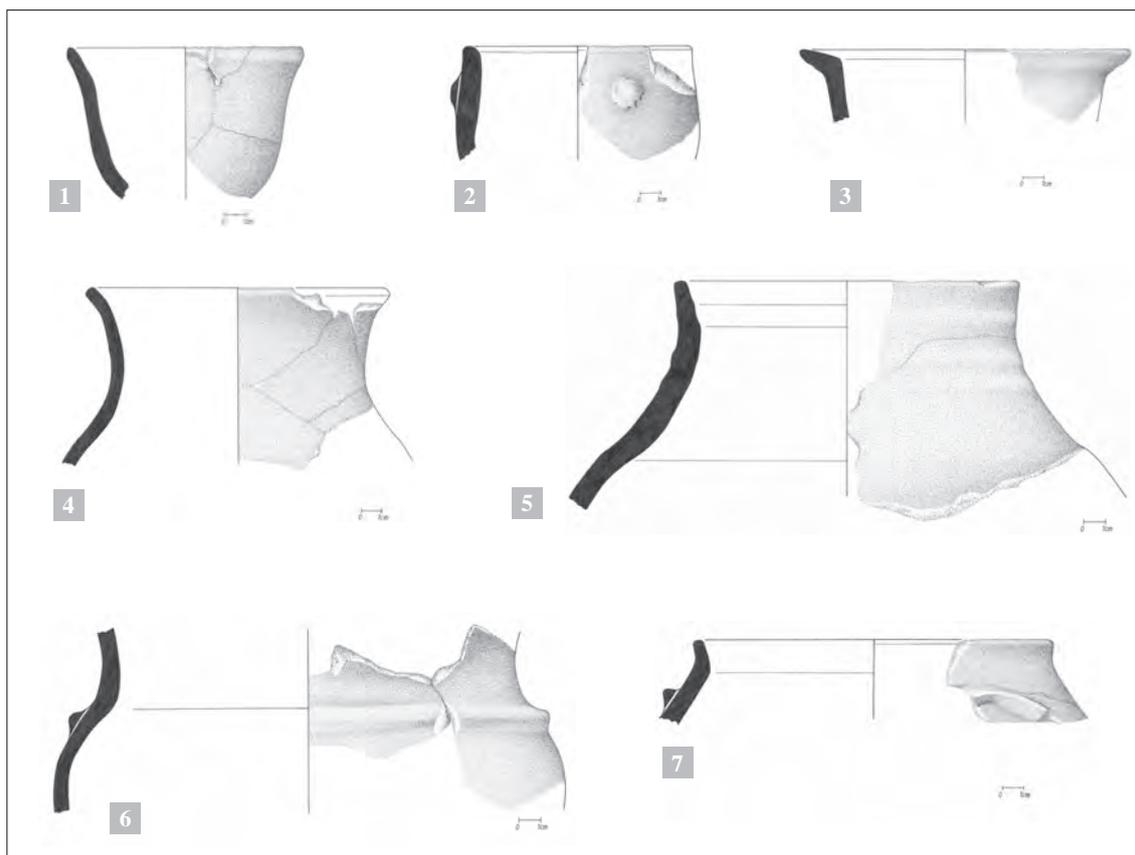


Fig. 22. Fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze. 22.1. – vaso troncocónico; 22.2 – malga; 22.3 – Fragmento de um vaso de médio bordo horizontal; 22.4. – Pote da forma 2; 22.5. – Pote da forma 1; 22.6. – Pote da forma 7; 22.7. – Pote da forma 20.

ta de colar?), assim como um eventual polidor. Também apareceram dois machados de pedra, um seixo grafitado, vários cristais de quartzo hialino, um fragmento de lâmina (?) em sílex translúcido, concreções ferruginosas (ocre vermelho), um pequeno bloco retangular de granito, polido em ambas as faces e gravado com concavidades circulares (Figura 23), e restos de fundição de bronze (Comendador e Bettencourt, 2007, 2011) (Figura 24). Este conjunto de materiais insere-se no Bronze Médio do Noroeste, quer pela presença dos elementos metálicos, quer pela coexistência de vasos troncocónicos com vasos de médio bordo horizontal.

Para noroeste do planalto (setor 6), já a algumas centenas de metros das gravuras, ocorre à superfície grande dispersão de artefactos atribuíveis ao Calcolítico ou ao Calcolítico Final. Referimo-nos a fragmentos de cerâmica com decoração incisa metopada de tipo Penha; com triângulos preenchidos por impressões; assim

como diversos fragmentos de vasos campaniformes, quer de tipo pontilhado geométrico, quer inciso, numa associação pouco frequente (Figura 25.1 a 25.2). Apareceu, igualmente, uma presumível conta tubular, em ouro (Figura 26), além de um núcleo e diversas lascas, em sílex de diferentes tipos e proveniências. Entre esta área e a da ocupação da Idade do Bronze, ou seja, a oeste-noroeste do complexo de gravuras rupestres, encontrou-se uma cabeça de uma figura humana, em argila, de pequenas dimensões, fragmentada na zona do pescoço. Apresenta uma face oval, olhos escavados, nariz pouco proeminente e uma boca apenas esboçada. Na cabeça traz o que parece ser um toucado, sobrelevado em relação à face, terminando em bico, na zona da testa e amarrado sob o pescoço, com uma correia decorada (Figura 27). Esta peça, assim como um fragmento cerâmico recolhido nas proximidades e que deve pertencer-lhe, pelas afinidades técnicas, forneceram datas de luminescência que se situam entre 2860-750 a.C. (TL 3810±1060) e



Fig. 23. Bloco rectangular de granito polido, com gravações de covinhas. Altura máxima: 20,4 cm (seg. Bettencourt 2010).

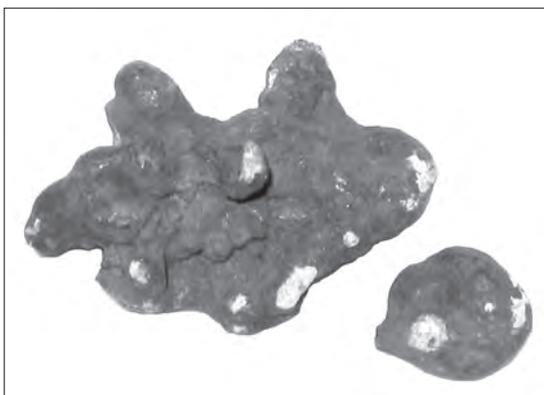


Fig. 24. Pingo de fundição encontrado nas escavações de uma área ocupada durante a Idade do Bronze.

2790-650 (OSL 3720±1070) a.C., com média entre 2700-820 a.C. (3765 ± 940)⁵ (Cardoso *et al.*, 2006), ou seja, abarcando o Calcolítico e a Idade do Bronze (Ribeiro, 2008; Ribeiro *et al.*, 2010; Bettencourt, 2010). No sul da Península Ibérica ocorrem ídolos em pedra, osso e cerâmica, algo similares ao da Bouça da Cova da Moura, embora mais estilizados. Aparecem em contextos calcolíticos, principalmente na sua fase final e, por vezes, em associação com vasos campaniformes (Hurtado, 1978, 1980, 1981; Cardoso, 2002). No exemplar em apreço surpreende, de facto, o naturalismo das formas. Não ignoramos a sua semelhança formal com algumas figuras em terracota atribuíveis ao Grego Arcaico Antigo, mais precisamente aos séculos VII e VI a.C. (Lobell, 2008), embora tais datas não se enquadrem na amplitude cronológica fornecida quer pelo material de superfície da Bouça da Cova da Moura quer pelos resultados da luminescência. Seja como for parece verosímil propor que esta figura corresponde a um presumível ídolo antropomórfico de filiação mediterrânica.

⁵ CARDOSO, G. O.; RIBEIRO, A. T.; ZINK, A.; MARQUES, R.; DIAS, M. I. M. e PRUDÊNCIO, M. I. G. (2006): Luminescence dating of a ceramic find from Ardegães site, NW Portugal. Comunicação oral apresentada ao XV Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September of 2006.

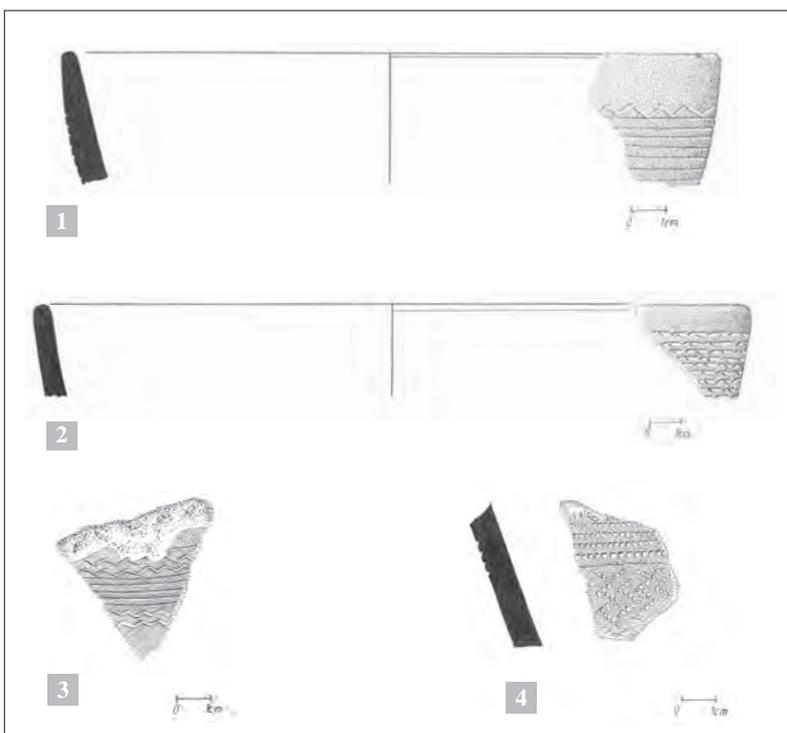


Fig. 25. Cerâmica encontrada à superfície do setor 6.
25.1. – Bordo de vaso campaniforme inciso;
25.2. – Bordo de vaso campaniforme pontilhado geométrico;
25.3. – Fragmento de bojo de campaniforme pontilhado geométrico;
25.4. – Fragmento de bojo de campaniforme inciso.

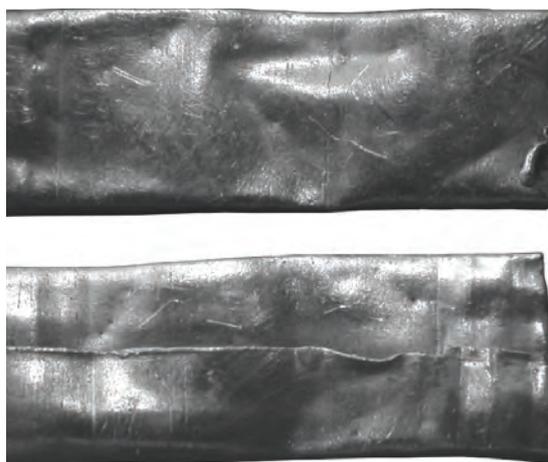


Fig. 26. Conta tubular em ouro observada pelos dois lados (Comprimento máximo: 1,1 cm).

Perante este conjunto de materialidades admitimos que o complexo de gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura se localizou num espaço que se foi transformando física e simbolicamente desde o Neolítico até à Idade do Bronze, com frequência pouco expressiva em épocas posteriores, embora o seu misticismo tenha permanecido na memória *folk* até à atualidade, como se pode verificar pelo seu topónimo. Dito de outro modo, a partir da Pré-história Recente diferentes comunidades e grupos cronológico-culturais, talvez num tempo cíclico e de forma revisitada, teriam alterado fisicamente as características deste lugar, marcando-o, quer através da construção de novos cenários como os monumentos megalíticos e as arquitecturas em materiais perecíveis,

quer através de ações mais discretas, como a gravação de rochas, a deposições de oferendas ou a elaboração de atividades de carácter mágico-religioso.

Tendo em conta a premissa de que, no contexto das sociedades tradicionais, o lugar onde se implantam gravuras rupestres, se erguem túmulos, entre outras manifestações, apenas evidencia, enfatiza ou altera significados pré-existent e que as ações necessárias para a consecução, manutenção e utilização destas materialidades constituem atos de importância social, *quicá*, de integração comunitária, não podemos deixar de nos questionarmos sobre a forma como se foi construindo a história deste lugar e sobre a sua importância no âmbito da construção das paisagens⁶ pré-históricas da região.

Quanto à primeira questão, cabe perguntar se os monumentos megalíticos representariam a primeira expressão de celebração do espaço ou se este já seria venerado anteriormente, razão pela qual terá sido escolhido para a construção das primeiras arquitecturas monumentais? Alguns autores têm defendido que as comunidades pré-históricas teriam imitado, em termos construtivos, acidentes duráveis, impressivos e significantes na paisagem, conferindo aos lugares níveis de simbolismo adicionais através da edificação de novos cenários artificiais (Bradley, 2000). Partindo desta hipótese poderíamos interrogarmo-nos se o espaço

⁶ Entenda-se paisagem como conceito abrangente que compreende o meio e as ações culturais nele ocorridas, num processo de incorporação, segundo Tim Ingold (2000).



Fig. 27. Cabeça de argila encontrada nos limites do sector 2 vista de lado e de frente (Altura máxima: 2,5 cm) (Fot. de Manuel Santos / M. D. D. Sousa).

construído se poderia ter organizado originalmente em torno do outeiro, correspondendo os monumentos sob *tumuli* a construções que imitam este acidente morfológico já existente e venerado. Na realidade, o outeiro, se visto desde o local de implantação dos monumentos megalíticos assemelha-se a uma mamoa natural (Figura 28). Neste caso, a pedra da construção dos túmulos monumentais seria originária desse local, tendo presente que é aí que ela aflora localmente? E as primeiras gravuras rupestres? Teriam sido realizadas nesta fase?

Estas são, naturalmente, perguntas difíceis cujas respostas passam pelo desenvolvimento de projectos de investigação relacionados com o local. O que podemos admitir é que, provavelmente desde o **Neolítico Médio/Final**, a construção dos monumentos megalíticos de carácter funerário-religioso teria materializado a importância da história ou histórias deste lugar. Também é possível que os mortos aqui depositados se tivessem transformado em atores sociais, ou seja, em antepassados, o que fomentaria a coesão grupal ou inter-grupal das comunidades neolíticas que viveram neste território e contribuiria para legitimar a posse do mesmo. Tal poderia ter contribuído, igualmente, para transformar ou acentuar o carácter mítico da Bouça da Cova da Moura que se transmitiria, de geração em geração, através de adaptações e reinvenções, construção de

outros monumentos, novas expressões gráficas, depósitos e respetivos ritos, cerimónias e mitos a eles associados. Em abono desta hipótese relembramos a descoberta de artefactos atribuíveis ao **Calcolítico ou ao Calcolítico Final** que, pela sua raridade, indiciam a existência de ações de grande significação simbólica onde seriam manuseados. Referimo-nos aos diversos fragmentos de vasos campaniformes, frequentemente associados no Noroeste de Portugal a contextos funerários ou de exceção (Bettencourt, 2011), ao ídolo cerâmico e à conta tubular, em ouro. De salientar que neste período, os achados áureos se encontram muitas vezes em contextos funerários. Durante a Idade do Bronze as construções frustres, de carácter subterrâneo ou em materiais perecíveis, também parecem relacionar-se com ações de grande significação simbólica, tal como se subentende pela sua associação a vasos troncocónico e de médio bordo, normalmente relacionados com ritos funerários, ou a evidências da metalurgia do bronze, atividade que cremos de âmbito mágico, principalmente na sua primeira fase. Como materialidades ligadas a práticas de exceção podemos considerar, também, o machado de anfibolito, os vários cristais de quartzo hialino, o seixo rolado grafitado, a pedra em forma de paralelepípedo com covinhas e os restos de ocre vermelho.



Fig. 28. Outeiro pouco elevado onde se concentram as gravuras rupestres e afloramentos graníticos, observado a partir da Mamoa 1 da Bouça da Moura.

Em relação ao complexo de gravuras onde são nítidas diferentes tradições estilísticas, colocamos a hipótese de que a sequência deste lugar corresponderia, em termos gerais, aos diferentes momentos de ocupação encontrados nas suas imediações, ou seja, este *locus* teria estado ativo desde o Neolítico até à Idade do Bronze, espaço temporal onde se teriam gravado a maioria dos motivos aqui representados, embora se verifiquem utilizações posteriores.

Assim sendo, as primeiras gravuras poderiam ter sido contemporâneas da construção dos monumentos megalíticos e terem sido reinterpretadas pelas comunidades que sucessivamente ou posteriormente foram ocupando, construindo e experienciando este lugar. Tal poderia ter-se realizado através da adição de novos signos em volta das composições mais antigas, no âmbito de diferentes cerimónias que, ao longo de milénios, consagraram este local – permitindo que ele funcionasse como um “lugar” de grande importância social no contexto das diferentes populações que, ao longo de tempo, frequentaram a Bouça da Cova da Bouça e viveram na bacia do Leça.

Quanto ao significado deste recinto gravado e das restantes materialidades em seu redor, no contexto das comunidades pré-históricas da bacia do Cávado, parece poder admitir-se que a Bouça da Cova da Moura não foi um sítio residencial mas um espaço público de grande significação da paisagem durante mais de dois mil anos, ou seja, um lugar de referência e de reunião para diferentes populações pré-históricas que viveriam nas suas imediações e onde a ritualização da vida diária se faria coletivamente em determinados momentos da história de vida das comunidades. Aliás, toda a unidade geomorfológica conhecida por Montes do Leandro deveria constituir, desde o Neolítico, um vasto território de ampla expressão simbólica, pois está alterado cenograficamente por inúmeros monumentos megalíticos, entre outras áreas de dispersão de materiais de difícil classificação. Referimo-nos, por exemplo, às Mamoas 1 e 2 do Godêlo, para oeste da Bouça da Cova da Moura, ou ao complexo arqueológico do Monte do Leandro, para norte, também com vários monumentos megalíticos, além de ou-

tras estruturas indeterminadas e áreas de dispersão de material pré-histórico, à superfície, desde o Calcolítico à Idade do Bronze (Betencourt, 2010; Ribeiro e Loureiro, 2010). Assim sendo, os diferentes vestígios arqueológicos detetados seriam a materialização da importância deste acidente geomorfológico no mapa cognitivo e no universo ideológico das comunidades pré-histórias que viveriam nas suas imediações.

Não queremos terminar este estudo preliminar sem referir que as hipóteses aqui colocadas abrem três eixos de investigação fundamentais que urge encetar, no quadro de novos projetos de investigação interdisciplinares, antes que o sítio seja irremediavelmente destruído. O primeiro seria o de aferirmos, por meio de escavações arqueológicas, o carácter dos locais onde ocorrem dispersões de artefactos para um melhor entendimento da “biografia” da Bouça da Cova da Moura. O segundo procuraria definir, com maior equidade, a sequência diacrónica do acervo de arte rupestre aqui presente, através de levantamentos, de análises tecnomorfológicas das gravuras e da abertura de sondagens nas suas imediações permitindo contextualizar as manifestações “artísticas” em relação à sequência de materialidades, ocupações e ações, inscritas ao longo da Pré-história Recente na Bouça da Cova da Moura. O terceiro tenderia a entender melhor o papel deste lugar específico, e do Monte em que se insere, nas diferentes concepções do mundo desenvolvidas pelas comunidades da bacia do Leça, desde o Neolítico à Idade do Bronze, através de um estudo de âmbito regional.

AGRADECIMENTOS:

Este texto insere-se no projeto *Bronze Age Landscapes in the west of Iberian Peninsula / Paisagens da Idade do Bronze no ocidente peninsular* (SFRH/BSAB/ 986/10) apoiado e financiado pela FCT no âmbito de uma Bolsa de Licença Sabática.

Agradecemos a Jorge Guedes o apoio prestado na preparação da parte gráfica deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, C.A.B. e FERNANDES, F. (no prelo): “A Mamoá de Montezelo, Folgosa, Maia”, *Actas das Iª Jornadas Arqueológicas do Vale do Leça, Matosinhos 2006*, Matesinus, 6, Matosinhos: Câmara Municipal.
- ALVES, L. B. (2003): *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. 2 vols. Reading: Reading University (Ph.D Thesis).
- ANATI, E. (1968): *Arte rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Iberica*, Archivi di Arte Preistorica 2. Brescia: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- BAPTISTA, A.M. (1986): “Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção”. In: ALARCÃO, J. (ed.) *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*. Vol.1. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 31-55.
- BETTENCOURT, A.M.S. (1999): *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).
- BETTENCOURT, A.M.S. (2000): *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2010): “Comunidades pré-históricas da bacia do Leça”, In: VARELA, J. e PIRES, C. (coords.) *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, pp. 33-88.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2011): “El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologias y significados”, In: M. Pilar Prieto-Martínez & Laure Salanova (eds.) *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 363-374.
- BRADLEY, R. (2000): *An Archaeology of Natural Places*. London/New York: Routledge.
- CARDOSO, G. O.; RIBEIRO, A.T.; ZINK, A.; MARQUES, R.; DIAS, M. I. M. e PRUDÊNCIO, M. I. (2006): Luminiscence dating of a ceramic find from Ardegães site, NW Portugal. Comunicação oral apresentada ao XV Congresso of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September of 2006.
- CARDOSO, J. L. (2002): *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- COMENDADOR REY, B. e BETTENCOURT, A.M.S. (2007). Novos dados sobre a primeira metalurgia de bronze no noroeste peninsular: os contributos da bacia do Leça. *I Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça* (Outubro, 27, 2007). Publicado on-line em.
- COMENDADOR REY, B. e BETTENCOURT, A.M.S. (2011): “Nuevos datos sobre la primera metalurgia del bronce en el noroeste de la Península Ibérica: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Portugal)”. *Estudios do Quaternário*, 7, pp. 19-31.
- CORRÊA, A. M. (1935): *As origens da cidade do Porto*, Porto: Fernando Machado e C.ª.
- HURTADO, V. (1978): “Los ídolos de calcolítico en el Occidente peninsular”, *Habis*, 9, pp. 357-364.
- HURTADO, V. (1980): “Los ídolos calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz)”, *Zephyrus*, 30/31, pp. 165-203.
- HURTADO, V. (1981): “Las figuras humanas del yacimiento de La Pijotilla (Badajoz)”, *Madrid Mitteilungen*, 22, pp. 78-88.
- INGOLD, T. (2000): *The perception of the environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres/Nova Iorque: Routledge.
- LOBELL, J.A. (2008): “Search for the Mycenaeans”, *Archaeology*, 61 (1): 33-35. www.archaeology.org
- NOVOA ÁLVAREZ, P. e SANROMÁN VEIGA, J. (1999): “Nuevos aportes al arte rupestre de Portugal”, Comunicação apresentada ao *Congresso Internacional de Arte Rupestre Europeia, Vigo 1999*. (xerox copy).
- RIBEIRO, A.T. (2008): “Cabeça de ídolo antropomorfo proveniente do Lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Águas Santas, Maia, Porto)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 0: 23-28. Disponível on-line em. nia-era.org/.

- RIBEIRO, A.T. e MENEZES, R.T. (2007): “O povoamento pré-histórico e proto-histórico no concelho da Maia. Primeira abordagem”, Comunicação apresentada nas *Iª Jornadas Arqueológicas do vale do Leça, Matosinhos, Outubro de 2007*. Publicada on-line em.
- RIBEIRO, A.T. e LOUREIRO, L. (2010): “A Mamoa 5 do Leandro, Silva Escura, Maia. Uma arquitectura tumular megalítica provida de corredor médio” In: VARELA, J. e PIRES, C. (coords.) *O Rio da Memória. Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, pp. 42-43.
- RIBEIRO, A.T.; ALVES, L.B.; BETTENCOURT, A.M.S e MENEZES, R.T. (2010): “Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwest of Portugal) – a case study”, In: BETTENCOURT, A.M.S.; SANCHES, M.J.; ALVES, L.B. E FÁBREGAS VALCARCE, R. (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paeleolithic to the Iron Age in Europe, Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Proto-historic Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series – 52058. Oxford: Archeopress, pp. 89-98.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1940): “Arte Rupestre”, *Congresso do Mundo Português*. Vol. 1: Lisboa, pp. 327-372.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1963): “As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19 (2), pp. 111-144.
- SILVA, A.M.S.P. E ALVES, L.B. (2005): “Roteiro de Arte rupestre do Noroeste de Portugal”, In: HIDALGO CUÑARRO, J.M. (coord.) *Arte rupestre prehistórica do Eixo Atlântico / Arte rupestre pré-histórica do Eixo Atlântico*, Vigo: Eixo Atlântico, pp. 189-219.
- TWOHIG, E.S. (1981): “A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia)”, *Arqueologia*, 3, pp. 49-55.